

Suplemento de Arqueologia

Mensal | Ano 13 | N.º 102 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Mapa turístico do concelho de Lousada de 1954

Luís Sousa*

1 - Introdução

Durante o Estado Novo (1933-1974), também chamado de Salazarismo, período durante o qual imperou um regime político autoritário e corporativista representado na figura de António de Oliveira Salazar, foram vários os meios seguidos para de modo vincado fazer passar o ideário de um paradigma que visava, entre outros aspetos, *ordenar a nação, em termos espaciais, ideológicos e sociais (...) na generalização das crenças e costumes do colectivo "povo"; na rigorosa distribuição, divisão e hierarquização dos papéis sociais*¹.

É nesta esfera de uma visão política salazarista que será lançada uma série de mapas turísticos de âmbito distrital e concelhio, editados entre 1938 e 1972, tratando-se de uma publicação do ROTEP – Roteiro Turístico e Económico de Portugal. A coordenação, como consta na contracapa, era da responsabilidade de *Camacho Pereira*² (a partir de 1951), com o patrocínio do Ministério da Educação Nacional e do Secretariado Nacional de Informação e Turismo e revisão final de *diversas entidades locais*³. (fig.1). O presente texto tem precisamente como objeto o mapa turístico do concelho de Lousada, sobre o qual teceremos algumas considerações ao conteúdo informativo e simbologia empregue. Editado em 1954, foram publicados 1500 exemplares, sendo aqui retratado o nº 177, com a Ordem de Publicação nº 53, impresso em Outubro de 1954 e circulado a partir de Novembro do mesmo ano.

2 - Os mapas ROTEP

Como referimos acima, o regime salazarista impôs durante a sua vigência um conjunto de mecanismos que visaram a transmissão de uma imagem ordenada da nação em múltiplos aspetos, sendo os mapas ROTEP um bom exemplo da tessitura idealista que se pretendia para o território nacional.

Clara Sarmento realça que, *na generalidade, os mapas da coleção ROTEP socorrem-se de símbolos recorrentes, atractivos, que transmitem a noção de um território ordenado, regularmente povoado e servido de vias de comunicação, aprazível, cioso das suas tradições, com uma economia local próspera, baseada na indústria e*

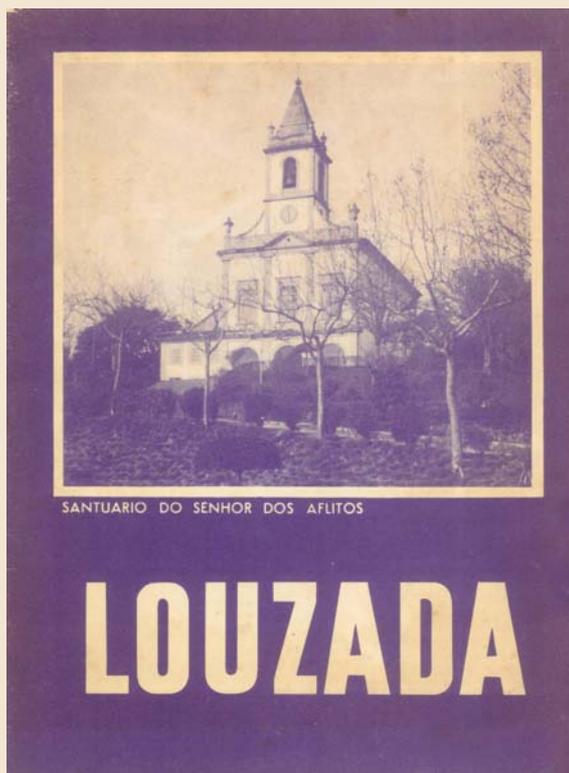


Fig. 1 - Folha de rosto do mapa turístico de Lousada de 1954.

*nos produtos da terra*⁴. Mas não é somente a representação cartográfica que é espelho de um quadro conceptualizado pelo regime, de igual modo vemos nos textos que 'adornam' a edição uma mesma linha de pensamento. Vejamos, a título de exemplo, um pequeno excerto do texto que serve de apresentação do concelho, onde é dito que *na Vila de Lousada já telintam, neurasténicos, os telefones, mas nos campos férteis das suas veigas ainda taramelam alegremente as noras em tardes calmosas de*

* Arqueólogo. CML. luis.sousa@cm-lousada.pt

¹ Sarmento, Carla (2008) - *A construção do texto etnográfico: fontes documentais sobre a cultura portuguesa* (Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História do ICHS/UFMT), in Revista Territórios e Fronteiras, Volume 1, Número 2. Mato Grosso: Universidade Federal, pp. 69-82.

² João Camacho Pereira era fotógrafo e possuía uma casa fotográfica que funcionou em Lisboa, na Rua de São Bento, nº 39. Fonte: site [em linha]: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=1202761>.

³ Sarmento, Carla (2008) – *op cit.*, p. 78. Na contracapa do mapa de Lousada é mencionada "Revisão do Ex.º Sr. Presidente da Câmara".

⁴ Sarmento, Carla (2008) – *op cit.*, p. 80.

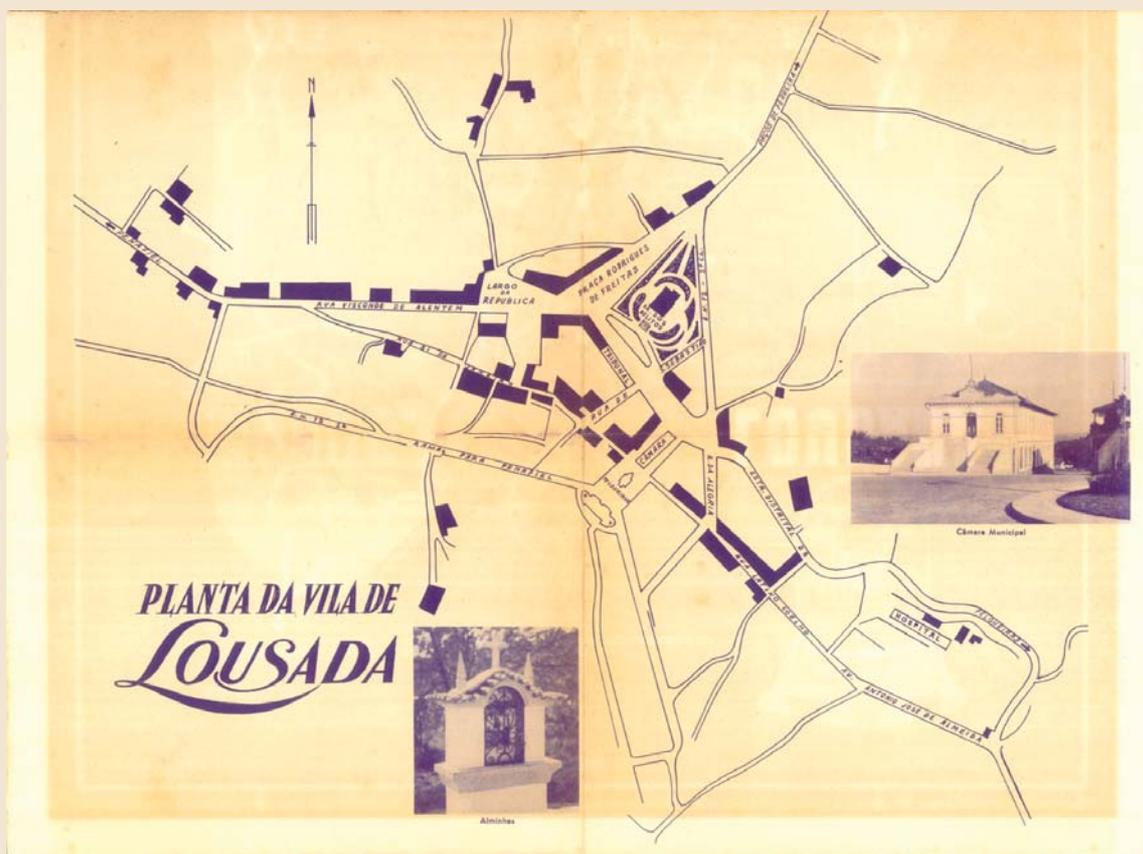


Fig. 2 - Planta da Vila de Lousada.

estio, sem ligarem importância aos fios de energia que talam o concelho quasi inteiro. Velozes, zumbem pneus de camionagem sobre as fitas de paralelepípedos em espinha, mas pelos barrancos do monte cham ainda os eixos fixos do carro ancestral, ao transportarem para o aconchêgo das cortes o mato entremeadado da giesta branca, do rosmaninho e do terementelo, perfumados, isto é, acha-se patente um claro desenvolvimento socioeconómico, porém, sem que este de algum modo interfira na ancestral ruralidade – zumbem pneus de camionagem (...), mas pelos barrancos do monte cham ainda os eixos fixos do carro ancestral. Pretendia-se, e a quase totalidade da coleção dos mapas turísticos do ROTEP o transmitem, uma certa elevação da cultura popular como sinónimo de tradição, algo de imutável, sujeito a uma matriz ruralista⁵.

Os mapas da coleção ROTEP apresentam-se normalizados, quer ao nível formal, quer ao nível dos diferentes conteúdos informativos, oferecendo indicações gerais sobre a região na contracapa, duas páginas de fotografias e textos de apresentação, que podem tomar a forma de alíneas informativas (origem e fundação, situação e clima, monumentos, acesso, excursões e mercados), texto histórico-literário ou colectânea de excertos de escritores locais e consagrados. Segue-se o mapa desdobrável

propriamente dito e uma planta das principais vias e arruamentos da localidade⁶.

3 - Características e anotações ao mapa turístico de Lousada de 1954

Possui de dimensões máximas 66,5cmX44,7cm, resultando num desdobrável de 8 páginas de 22,4cmX16,7cm.

A capa e a contracapa são de cor púrpura, reportando-se às cores empregues no brasão do concelho, coloração que alude a um dos mais importantes setores económicos, a agricultura, concretamente a vitivinícola.

Tal como os mapas congéneres, o de Lousada possui de igual modo duas páginas com fotografias. Na capa acha-se um enquadramento geral do “Santuário do Senhor dos Aflitos” e na contracapa similar quadro do “Pelourinho”. Ainda na contracapa se podem encontrar algumas informações sobre o concelho, designadamente sobre o enquadramento geográfico, população, área, se tem correios e telégrafos, corrente elétrica, telefone, garagens e oficinas, pensões, feiras, bem como salienta as romarias de nomeada e os monumentos nacionais. Seguem-se duas páginas com texto da autoria de Álvaro Pacheco de Carvalho, sob o título “O Concelho de Lousada”. O desdobrável contempla ainda uma “Planta da Vila de Lousada” (fig.2), na qual estão representados os principais eixos viários

⁵ Sarmiento, Carla (2008) – *op cit*, p. 81.

⁶ Sarmiento, Carla (2008) – *op cit*, p. 78.

que a serviam, designadamente a Estrada Distrital nº 28, que ligava diretamente a Penafiel e a Felgueiras e a Estrada Nacional nº 12, de 2ª Classe, que à época constituía dois ramais, um para Penafiel e um outro para Paços de Ferreira. A representação dos edifícios públicos também não foi descuidada, sendo distinguidos, para além do emprego de simbologia, com o descritivo “Câmara”, “Tribunal” e “Hospital”.

Das ruas que ali figuram algumas foram entretanto sujeitas a alteração toponímica total ou parcial. A Rua Visconde de Alentém foi provavelmente o único eixo viário que não viu a sua denominação modificada. A Praça da Republica, primitivamente Largo da Republica, absorveu a Praça Rodrigues de Freitas, que ocupava uma zona baixa a Norte do Monte do Senhor dos Aflitos, abrangendo todo um espaço desde a Rua Visconde de Alentém até à Rua Constituição da Republica. A Rua 31 de Janeiro que constituía conjuntamente com a Rua Latino Coelho e a Avenida José de Almeida o mais antigo arruamento lousadense, para o qual se encontravam voltados primitivamente os Paços do Concelho e o Pelourinho, compreendem atualmente uma única artéria, denominada Rua de Santo António. Por fim cabe destacar as alterações toponímicas da Rua de São Sebastião e Rua da Alegria, presente e respetivamente designadas de Rua José Falcão e de Rua Dr. Afonso Quintela.

Completa o desdobrável um mapa do concelho de Lousada que ocupa a totalidade da face interna, tratando-se de uma representação cartográfica profusamente ‘decorada’ com simbologia diversa e sinais convencionais que remetem para “Sedes de Freguesia”, “Povoações”, “Estradas”, “Caminho de Ferro” e “Rios”. Neste, onde a simbologia empregue no retrato da realidade económica e social, ainda que esquemática, é elementar, facilmente se deprende que vincula através de uma imagem necessariamente simples e entendível num país iletrado, a organização socioeconómica e cultural do território lousadense de então, por um lado fazendo sobressair claramente a

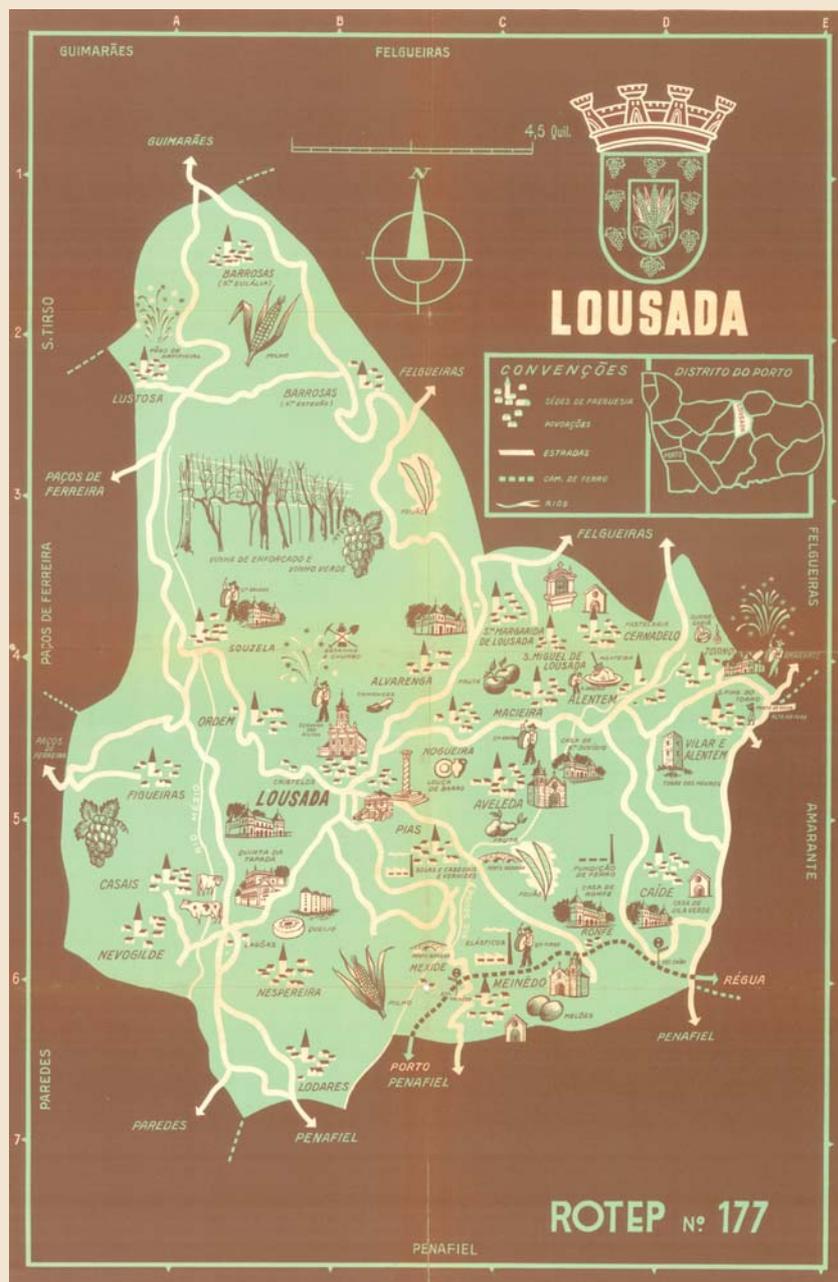


Fig. 3 - Mapa turístico de Lousada de 1954.

matriz identitária rural, por outro salientando-se o despon-tar ‘envergonhado’ do progresso. Veja-se que no que à indústria diz respeito, é apenas anotada a exploração de estanho e chumbo entre Sousela, Silvares e Alvarenga, a ourivesaria no Torno, solas, cabedais e vernizes em Pias, fundição de ferro em Caide de Rei e os elásticos em Boim. Apesar de o concelho transparecer por esta altura um incipiente fomento industrial, este não deixou de contribuir para que se perdessem certas atividades artesanais ancestrais, como a louça de barro que se fazia em Nogueira ou os tamancos em Alvarenga. São destacadas de igual

modo as culturas locais, como o vinho em Casais, Figueiras e Nevogilde, com realce para o de enforcado em Sousela, milho em Nespereira e feijão em Caíde de Rei e Silvares. No concernente à fruta são apontadas as freguesias de Macieira, Aveleda e Meinedo, respetivamente com produções de maçãs, peras e melões. Produtos derivados de leite, como os queijos, produzidos, tal como hoje, da Quinta da Tapada, em Casais, e a manteiga, produzida na freguesia de Vilar do Torno e Alentém. A doçaria também tem lugar, ainda que pouco expressiva, estando documentada para a freguesia de Cernadelo.

O património está representado pelas igrejas românicas de Aveleda e Meinedo, pela medieval Torre de Vilar, bem como pelo pelourinho. A igreja de Caíde de Rei e de Cernadelo foram consideradas detentoras de alguma singularidade traça arquitetónica, pois que igualmente figuram destacadas com simbologia própria.

Salientamos a ilustração de diversas casas agrícolas, tais como a Casa de Ronfe e Vila Verde (Caíde de Rei), Casa de Santo Ovídio (Aveleda), Quinta da Tapada (Casais), Casa do Ribeiro (Cristelos), entre outras que se vinham destacando no tecido económico e/ou pelo papel histórico desempenhado no concelho.

Na contracapa dá-se nota que no respeitante a romarias de nomeada há a "Da «Aparecida» em S. Fins do Torno", porém, neste mapa sobressai com igual indicação ilustrada as grandes festas da Vila em honra ao Senhor dos Aflitos⁷.

Por tudo isto o mapa turístico de Lousada do ROTEPE é, no seu todo, um registo cartográfico impar.

4 - Fim...

Diz o velho ditado que "uma imagem vale por mil palavras". É verdade, em parte...

O texto histórico-literário que acompanha o mapa turístico de Lousada, da autoria de Álvaro Pacheco de Carvalho⁸, constitui-se como a 'pedra de toque' na apresentação do Concelho de Lousada, ficando de sobremaneira valorizado o já de si singular desdobrável.

O texto reproduzido havia sido já divulgado na obra "Portugal Económico, Monumental e Artístico"⁹, mas, mais de uma década depois da sua edição, não deixou de ser tido como um verdadeiro convite para visitar Lousada. Dada a limitação editorial não o reproduzimos aqui na íntegra, todavia, por se tratar de um texto em diversos aspetos atual, julgamos que volta a merecer um lugar:

Apresentar Lousada é, para qualquer de nós, um prazer. Nem há um único lousadense, digno dêsse nome, que se não sinta orgulhoso e feliz, sempre que o possa fazer. É que Lousada a todos encanta e a muitos prende e cativa. Basta que aqui venham; e venham sem a ânsia febril da hora que passa, ou o acicate imperioso do negócio que interessa. Há qualquer coisa de superiormente inefável neste ar leve que aqui se respira; nesta boa gente que, ao passar, nos saúda, e naqueles horizontes azulados que se afastam sem-fim. Mas como apresentar a terra de tão

subtis encantos? Só há um meio seguro: vir até cá. Então, sim, será possível e mesmo agradável, fazer a apresentação de Lousada.

Aqui, um solar seiscentista, prepalho à fiada em junta sêca, severo e modesto como eram os de então; além, construções apalaçadas em «baroque» de granito enfunado e grandioso; depois, casas boas de gente abastada, com alas variadas de variadas épocas, ostentando a típica cozinha, tão regional, tão lousadense, toda em pedra, bem ameaçada com torre para defesa contra incêndios; mais adiante, o casarão vitoriano, rico em varandas ou janelas sob clássico frontão e ao lado a inseparável capela; perdidos por caminhos tortuosos, topam-se ainda muitos portões de braço e pedras-meias; tudo intercalado por eidinhos de colmo ou telha vã, donde desce até nós a névoa clara do fumo arrezinado ou cadência repetida do tear manual que gera as teias de estopa ou as colchas de linho...

Na Vila de Lousada já telintam, neurasténicos, os telefones, mas nos campos férteis das suas veigas ainda taramelam alegremente as noras em tardes calmosas de estio, sem ligarem importância aos fios de energia que talam o concelho quase inteiro. Velozes, zumbem pneus de camionagem sobre as fitas de paralelepípedos em espinha, mas pelos barrancos do monte chamam ainda os eixos fixos do carro ancestral, ao transportarem para o aconchêgo das cortes o mato entremeado da giesta branca, do rosmaninho e do terementelo, perfumados. Sobem ao santuário da Vila, recolhidamente, num fervor íntimo de pura espiritualidade cristã, longas procissões de velas ou clamores; mas, ao monte e ao lugar da Senhora Aparecida sobemromeiros a festejar, alegres, a milagrosa imagem com festadas e foguetes, morteiros e zabumbas, bandeiras e arcos, tendas e balões, frutas e doces, rapazes de chapéu enfeitados e raparigas de lenços garridos. Vida e saúde num panorama, mimo de fadas que ninguém nota. Guarda cada um a sua admiração, a mesma todos os anos, para o «andor grande», fantástica construção de europeus brilhantes sobre panos de côres, que vai aos ombros de muitos dezenas de latagões da terra.

Há carrocéis e bazar de prendas. Um dos poucos arraiais que restam neste Minho de transição, onde o povo pode ainda ser ingénuo nas suas demonstrações de fé e nos seus desmandos de perdulário. (...)

A nossos pés, a Vila de Lousada, suavemente recostada, parece viver em sonho: sonho doirado, sonho de côr; oiro em grão das suas eiras; oiro em fio das suas vinhas e dos seus olivais; côr viva no seu povo quando borborinha na feira, quando canta na faina rija do agro ou quando dança no adro engalanado em honra do padroeiro. Estância de repouso lhe chamam muitos. São aqueles que lograram a dita de aqui passarem dias, daqueles que se deixaram docemente penetrar de todo o encanto desta abençoada região...e, se nos deixam, há saúdades; se escrevem, escrevem Saúdades.

E os velhos contrastes vão-se perpetuando em contrastes novos...

⁷ No mapa aparece como "Senhora dos Aflitos".

⁸ Álvaro Pacheco Teixeira Rebelo de Carvalho, da Casa das Pereiras (Alentém), foi presidente da Câmara Municipal de Lousada entre 1939 e 1941. Nasceu a 15 de Setembro de 1892 e faleceu no Porto, com 57 anos, em 23 de Abril de 1949.

⁹ Fascículo LII, *Concelho e Vila de Lousada*. Lisboa: Editorial Lusitana. pp. 435-436.